Dia 22 — São Vicente e Santo Anastácio, Mártires

Foi São Vicente um dos mais ilustres mártires da Igreja da Espanha, no qual se tornou mais visível quanto pode a graça de Jesus Cristo. Nasceu em Huesca, de uma das melhores e mais distintas casas do país. Desde menino seus pais o entregaram ao governo e à direção de Valério, bispo de Saragoça, que o criou em toda a piedade, fazendo-o instruir tanto nos mistérios como nas obrigações da religião, sem esquecer o estudo das letras humanas. Em pouco tempo aproveitou muito Vicente; e, vendo o santo prelado os progressos que fazia em tudo, ordenou-o diácono de sua igreja, encarregando-lhe o ministério da pregação, que o santo bispo não podia exercitar por razão de sua avançada idade. Desempenhou-o Vicente com dignidade e com feliz sucesso; porque, pregando tanto com as obras como com as palavras, não só ensinava e fortalecia os fiéis, mas também convertia à fé grande número de gentios.

Por volta do fim do ano 303, que foi o princípio da perseguição que os imperadores Diocleciano e Maximiano moveram na Espanha, querendo Daciano, governador da província de Tarragona, a cuja jurisdição pertenciam Saragoça e Valência, assinalar seu zelo e sua atividade em que fossem obedecidos os decretos dos imperadores, mandou prender Valério e Vicente, dando ordem para que fossem conduzidos a Valência carregados de cadeias. Lisonjeava-se com a esperança de que se desalentariam com as fadigas e os maus-tratos que havia encarregado se lhes fizessem no caminho e de que lhe granjeariam a glória de ter vencido os dois maiores heróis cristãos que se conheciam então na nação espanhola. Mas ficou não pouco admirado quando os viu em sua presença tão frescos e tão robustos como se nada tivessem padecido, apesar das diligências que se haviam feito para matá-los de fome em tão prolixa e tão penosa viagem. Pareceu a Daciano que, para persuadir uns homens daquele caráter, teriam mais força os bons termos que a severidade e as ameaças. Com essa ideia, dirigindo primeiro a palavra a Valério, representou-lhe que sua avançada idade estava pedindo de justiça algum descanso e seus muitos achaques uma velhice doce e tranquila; que um e outro encontraria obedecendo às ordens justas dos imperadores. E voltando-se depois a Vicente, disse-lhe com afetada brandura: « Tu, filho meu, estou seguro de que não degenerarás da nobreza de teu sangue. Tens talentos e és nobre; pelo que espero que te farás merecedor das honras que a generosidade dos imperadores se dignará dispensar-te. És jovem, és galhardo, és generoso, és discreto e podes esperar os grandes favores com que te brinda a fortuna, a qual se te apresenta cheia de graças e de ventura. Para merecê-las não precisas de mais diligências que não abandonar a religião de teus pais. Vem, filho meu, rende-te ao que ordenam os imperadores e não te exponhas, por uma néscia obstinação, a uma morte antecipada e afrontosa. »

O santo velho Valério padecia alguma dificuldade na língua e não podia explicar-se com bastante desembaraço, pelo que ordenou a Vicente que respondesse por ambos. Tomando este a palavra,

falou a Daciano com valorosa intrepidez, declarando-lhe o baixo conceito que faziam dos demônios, transformados em deuses do império, e acrescentou: « Não creias que as ameaças da morte nos hão de acovardar, nem as desprezíveis honras da vida podem mover-nos a faltar à nossa obrigação; porque hás de ter entendido que não há coisa tão estimável nem tão ditosa no mundo que se aproxime de mil léguas ao consolo e à honra de morrer por Jesus Cristo. »

Ofendido Daciano da generosa liberdade do santo diácono, contentou-se em desterrar Valério e descarregou toda a sua cólera sobre São Vicente. Deu ordem aos verdugos para que empregassem os tormentos mais cruéis e para que inventassem também os mais terríveis que pudessem imaginar, a fim de vingar os deuses do desprezo que se lhes havia feito; e foram executadas suas ordens com a maior exatidão e a maior pontualidade.

Estendem-no logo sobre o cavalete, aplicam-lhe as cordas e começam a puxar-lhe os pés e as mãos, jogando o artifício daquela horrível máquina com tanta violência que logo se ouviu o ruído e se percebeu a deslocação de todos os ossos; de sorte que mal se mantinham os membros unidos ao corpo senão por meio dos nervos. Vendo o tirano que o santo ria daquele tormento, mandou que lhe rasgassem as costas com unhas ou ganchos acerados; o que se executou de modo tão cruel que se lhe descobriram as costelas até a espinha. Esperava Daciano que o santo mártir lançasse ao menos algum suspiro ou deixasse correr alguma lágrima; mas, querendo o Senhor dar a entender aos homens que sabe muito bem quando quer adoçar as penas e os trabalhos que se padecem por seu amor, fez que o santo sofresse esse segundo suplício com tanta constância e com tanta alegria como havia sofrido o primeiro.

Ficou atônito o tirano ao ver aquela assombrosa tranquilidade do santo mártir em meio às mais vivas dores; mas, quando o ouviu fazer como que burla e chacota da crueldade dos verdugos e que a ele mesmo desafiava a que lhe fizesse sofrer tudo o que lhe viesse à cabeça, espumava de cólera, tendo-o por espécie de insulto. E, sabendo que as chagas, deixando-se esfriar, são mais dolorosas se se voltam a abrir, ordenou que fosse despedaçado de novo, o que se fez com tanta crueldade que, arrancando-lhe grandes pedaços de carne, deixavam ver patentes as entranhas. Corriam arroios de sangue por todas as partes, e só se via um esqueleto que vivia por força de milagre. Compreendeu bem o tirano que naquela constância se ocultava alguma coisa sobrenatural e que nunca poderia vencer uma força tão superior à sua. Mandou que cessassem os tormentos; mas, sem querer mostrar-se vencido, ordenou-lhe que ao menos lhe entregasse os livros sagrados para lançá-los ao fogo, oferecendo-lhe a vida se lhe obedecesse nisso.

Vicente, com modo grato, mas santamente intrépido, respondeu ao juiz que o fogo com que ameaçava os livros estaria mais bem empregado no próprio santo para acabar seu sacrifício nas chamas; e também me vejo obrigado a prevenir-te, acrescentou o invicto mártir, que algum dia arderás tu por toda a eternidade nas do inferno se não renuncias ao culto dos falsos deuses.

Esgotado todo o sofrimento de Daciano ao ouvir tão inesperada resposta, e não podendo conter a indignação no peito, mandou que logo o estendessem numa cama de ferro ardente, aplicando-lhe por todo o corpo lâminas ou placas acesas.

Renovou-se a alegria de Vicente à vista do novo tormento que o esperava. Todo o seu gosto era passar de um suplício a outro, do cavalete ou do potro às grelhas, as quais se compunham de

umas barras atravessadas, não de plano, mas de esquina, abertas em forma de serra e salpicadas a trechos de pontas agudas à maneira de ralo. Sua elevação era de um quarto escasso e colocavam-se sobre carvões acesos que os verdugos estavam continuamente avivando. Enchiam-se todos de horror ao ver aquele corpo meio esfolado, amarrado com cadeias à grelha, coberto de placas ardentes pela parte superior, enquanto pela inferior o derretia o braseiro. A gordura que o santo corpo destilava acrescentava muita força à violência do fogo e, como se aquele conjunto de tormentos não bastasse para causar-lhe uma dor agudíssima e cruel, cuidavam os verdugos de avivá-la, enchendo-lhe de sal as chagas e as feridas.

Permanecia Vicente imóvel, os olhos fixos no céu e o semblante risonho, adorando e bendizendo sem cessar o Senhor naquela postura de imolação e de vítima. Mas, como a mão do Todo-Poderoso se descobria tão visivelmente na alegria e na constância do santo mártir, não podia permanecer exposto por muito tempo aos olhos do público um espetáculo que tanto desacreditava o culto dos ídolos. Todos admiravam a força prodigiosa do paciente, e até os próprios gentios clamavam que aquilo não podia ser sem grande milagre; de sorte que se viu obrigado Daciano a mandar retirar o invicto diácono. Encerraram-no num escuro calabouço, onde o estenderam para descansar sobre pedaços de ferro, com severa proibição de que não se lhe desse o menor alimento nem o mais leve alívio; mas o Senhor teve providência de seu servo, porque de repente desceu uma celestial luz que despediu as trevas do calabouço e ao mesmo tempo derramou Deus na alma daquele herói uma divina doçura, um consolo de ordem superior que o inundou de alegria. Achou-se de repente restituído à sua antiga robustez e melhorado em sua natural formosura, exalando de seu corpo um suavíssimo odor que enchia de fragrância aquele lugar fétido. Desceram para fazer-lhe companhia esquadrões de espíritos angélicos, e deixaram-se perceber os celestiais cânticos com que entoavam louvores ao Senhor; de maneira que aquela horrorosa prisão se converteu em paraíso de delícias.

A fragrância, a música e o resplendor encheram de admiração os guardas; mas ficaram atônitos quando viram Vicente sem o mais leve sinal dos tormentos passados e convertidos em rosas os pedaços de ferro de que estava semeado o calabouço. Não era fácil resistir a tanto tropel de prodígios. Converteram-se a Cristo o carcereiro com os guardas; e, chegando ao conhecimento de Daciano o que se passava, tomou (fosse desesperação ou despeito) uma resolução bem estranha. Manda que logo tirem o santo do calabouço; ordena que o deitem na cama mais branda e mais regalada que se possa dispor e dá providência para que se cuide dele, sem poupar regalo nem remédio. Publica-se por toda a cidade esse decreto; acodem os fiéis em bandos ao cárcere; conduzem o santo como em triunfo pelas ruas; mas Vicente, mal entrou no regalado leito que se lhe havia preparado, como se fosse aquele o maior dos tormentos, expirou, e voou sua alma ao céu a receber a coroa e o prêmio de sua vitória, sucedendo isso no dia 22 de janeiro do ano 304 ou 306.

Raivoso e fora de si Daciano ao ver-se vencido e confundido por aquele herói cristão, mandou que fosse arrastado seu cadáver e que, levando-o ao campo, o lançassem num barranco onde servisse de pasto às aves e às feras; mas Deus enviou um corvo de extraordinária grandeza que lhe fez sentinela e o defendeu dos demais animais. Ordenou o tirano que o lançassem em alto-mar, para que não lhe dessem culto e carecesse desse consolo a devoção dos fiéis; mas o Senhor, que zomba de todos os artifícios da humana prudência, conduziu à margem o santo corpo; e, acudindo os

cristãos, enterraram-no secretamente fora das muralhas de Valência, no mesmo lugar onde hoje é venerado numa magnífica igreja.

No ano de 542 sitiou e tomou Saragoça Childeberto, rei da França, e contentou-se em levar a estola que havia servido ao santo diácono, e entregou-a a São Germano, bispo de Paris. Conserva-se esta preciosa relíquia na igreja de São Germano, que antigamente se chamava de São Vicente.

No mesmo dia celebra a Igreja a festa de Santo Anastácio, mártir. Foi persa de nação; e antes de seu batismo chamava-se Magundat. Serviu algum tempo nas tropas do rei Cosroes. Depois da tomada de Jerusalém, como levavam a cruz de Cristo a Ctesifonte, quis saber que motivo tinham os cristãos para fazer tanta estima de dois paus que haviam servido para justiçar um homem. Informado de tudo e bem instruído na religião cristã, recebeu o batismo e viveu algum tempo no mosteiro de Santo Atanásio. Sete anos empregou nos exercícios mais humildes e mais perfeitos da vida monástica. Movido de um ardente desejo de derramar seu sangue por amor de Jesus Cristo, pediu e obteve licença para passar a Cesareia. Soube que certos soldados da guarnição faziam alguns malefícios: repreendeu-os, e lançaram mão dele. Confessou que era cristão e sofreu com heroica constância açoites, paus e todas as incomodidades de uma rigorosa prisão. Confortou-o o Senhor com uma aparição de muito consolo; e por fim coroou sua santa vida com o martírio, tendo sido enforcado pela confissão da fé no dia 22 de janeiro do ano 628.

Martirológio Romano

Em Valência da Espanha, São Vicente, levita e mártir, o qual, por sentença do presidente Daciano, famoso por suas crueldades, sofreu cárceres, fome, cavalete, deslocamento de membros, grelhas de ferro acesas e muitos outros gêneros de tormentos, com os quais voou ao céu para receber a recompensa de tão glorioso martírio. O poeta Prudêncio cantou seu triunfo em versos elegantes, e Santo Agostinho e o papa São Leão o celebraram também com grandes louvores.

Em Roma, nas fontes Salvianas, solemniza-se a festa de Santo Anastácio, monge persa, o qual, depois de ter sofrido em Cesareia da Palestina uma rigorosa prisão, açoites e cadeias, foi atormentado ainda de diferentes maneiras por Cosroes, rei da Pérsia, e por último decapitado; tendo tido antes o consolo de enviar ao martírio setenta companheiros seus, que foram todos afogados. Sua cabeça foi levada a Roma juntamente com sua imagem, cuja presença só, assim como o atestam as atas do segundo concílio de Niceia, afugenta os demônios e cura as enfermidades.

Em Embrun, os santos Vicente, Orôncio e Vítor, que alcançaram a coroa do martírio na perseguição de Diocleciano.

Em Novara, São Gaudêncio, bispo e confessor. Em Sora, São Domingo, abade, célebre por seus milagres.

Missa (oração)

> **Latim:** *Adesto, Domine, supplicationibus nostris: ut qui ex iniquitate nostra reos nos esse cognoscimus, beatorum martyrum tuorum Vincentii et Anastasii intercessione liberemur. Per Dominum nostrum...*

Português: Atendei, Senhor, às nossas humildes súplicas, para que, reconhecendo-nos réus por nossa maldade, sejamos libertados de nossas culpas pela intercessão de vossos bem-aventurados mártires Vicente e Anastácio. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 3 da Sabedoria, e a mesma do dia anterior.

Sabedoria 3,1-8

> **Latim:** [1] Justorum autem animæ in manu Dei sunt, et non tanget illos tormentum mortis. [2] Visi sunt oculis insipientium mori, et æstimata est afflictio exitus illorum, [3] et quod a nobis est iter exterminium ; illi autem sunt in pace : [4] etsi coram hominibus tormenta passi sunt, spes illorum immortalitate plena est. [5] In paucis vexati sunt, in multis bene disponentur, quoniam Deus tentavit eos, et invenit illos dignos se. [6] Tamquam aurum in fornace probavit illos, et quasi holocausti hostiam accepit illos, et in tempore erit respectus illorum. [7] Fulgebunt justi et tamquam scintillæ in arundineto discurrent. [8] Judicabunt nationes, et dominabuntur populis, et regnabit Dominus illorum in perpetuum.

Português: [1] Mas as almas dos justos estão na mão de Deus, e não os tocará o tormento da morte. [2] Pareceu aos olhos dos insensatos que morriam: E o seu trânsito foi reputado por aflição: [3] E a jornada que fazem separando-se de nós, extermínio: Mas êles estão em paz. [4] E se êles sofreram tormentos diante dos homens, a sua esperança está cheia de imortalidade. [5] Vexados em poucas coisas, em muitas lhes será bem retribuído: Porque Deus os tentou, e os achou dignos de si. [6] Ele os provou como ouro na fornalha, e os recebeu como uma hóstia de holocausto, e a seu tempo haverá dêles consideração. [7] Os justos resplandecerão, e como faiscas por um canavial discorrerão. [8] Êles julgarão as nações, dominarão os povos, e seu Senhor reinará para sempre.

Nota

« Já dissemos que o livro da Sabedoria, de onde se tirou esta epístola, foi composto por Salomão. Fala o sábio neste capítulo da esperança dos justos e do cuidado que Deus tem deles. Diz que sua alma está na mão de Deus; e isso é o que os faz manter-se imóveis em meio a todos os acontecimentos desta vida; isso é o que comunicou tanto valor e tanta fortaleza aos mártires. Se o próprio Deus é sua fortaleza, quem os poderá vencer? É de grandíssimo consolo tudo o que se diz neste capítulo. »

Reflexões

Oh, quão bem está quem está nas mãos de Deus! Ninguém está nas mãos de Deus que não esteja em seu coração. Que morada tão ditosa! Pois esta é a dos justos. Grande Deus, que lugar há no mundo mais digno de uma ambição nobre e bem nascida! Ora ameace a tempestade, ora intime estragos e terrores o vaporoso estrondo dos trovões, o justo está ao abrigo; sua alma está nas mãos de Deus; que tem que temer?

É a morte um tormento que assusta os mais resolutos, que estremece os mais intrépidos; mas, como a morte dos justos é sempre preciosa aos olhos do Senhor, veem-na vir não só sem susto, mas com alegria, porque não a olham como suplício, mas como prêmio; enche-os de doçura, de consolo e de confiança.

Sua morte, na aparência, é como a dos demais, termo fatal de todas as coisas; mas é na aparência e aos olhos dos insensatos, que os prudentes e os sábios julgam muito de outra maneira a morte dos justos. Se saem deste mundo, é porque se lhes levanta o desterro; se se apartam de nós, é para entrar triunfantes na glória. Oh, que gozo o de não ter-se desencaminhado! Que consolo mais doce nem mais requintado do que o que se experimenta quando se chega ao termo ditosamente? Os santos sofreram tormentos aos olhos dos homens, pareceram aflitos e humilhados, foram maltratados e perseguidos; mas aos olhos dos homens, e não mais: tudo o que havia de áspero, de duro em suas cruzes estava na casca; que, de resto, em meio aos maiores trabalhos alcançavam uma esperança cheia de imortalidade. Que proporção há entre o que padeceram e o que agora gozam? Ditoso aquele que não cede às provas que dele se fazem. Deus não gosta de servos covardes e pusilânimes. Felizes aqueles a quem o Senhor encontra dignos de si!

Mas, oh, e que diferença há entre a morte dos justos e a dos que se chamam ditosos à maneira do mundo! A felicidade destes se desvanece em sua derradeira hora. Grandeza, riquezas, honras, prazeres, tudo se sepulta com eles; mas, ao contrário, a última hora dos outros é a primeira de uma eternidade de delícias. Seus nomes são colocados nos fastos dos santos; sua memória está cheia de bênção; honram-se e veneram-se até suas próprias cinzas; e aqueles homens vis aos olhos do mundo brilharão por toda a eternidade como astros no firmamento; reinarão sobre todos os povos e julgarão todas as nações. Que objeto mais digno da ambição de um coração cristão!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 21 de São Lucas, e o mesmo do dia anterior.

Lucas 21,9-19

> **Latim:** 9 Cum autem audieritis prælia et seditiones, nolite terreri : oportet primum hæc fieri, sed nondum statim finis. 10 Tunc dicebat illis : Surget gens contra gentem, et regnum adversus regnum. 11 Et terræmotus magni erunt per loca, et pestilentiæ, et fames, terroresque de cælo, et signa magna erunt. 12 Sed ante hæc omnia injicient vobis manus suas, et persequentur tradentes in synagogas et custodias, trahentes ad reges et præsides propter nomen meum : 13 continget autem vobis in testimonium. 14 Ponite ergo in cordibus vestris non præmeditari quemadmodum respondeatis : 15 ego enim dabo vobis os et sapientiam, cui non poterunt resistere et contradicere omnes adversarii vestri. 16 Trademini autem a parentibus, et fratribus, et cognatis, et amicis, et morte afficient ex vobis : 17 et eritis odio omnibus propter nomen meum : 18 et capillus de capite vestro non peribit. 19 In patientia vestra possidebitis animas vestras.

Português: 9 E quando ouvirdes fallar de guerras, e de tumultos, não vos assusteis: estes cousas sim devem succeder primeiro, mas não será logo o fim. 10 Então lhes dizia: Levantar-se-ha nação contra nação, e reino contra reino. 11 E haverá grandes terremotos por varias partes, e epidemias, e fomes, e aparecerão cousas espantosas, e grandes sinaes do ceo. 12 Mas antes de tudo isto lançar-vos-hão elles as mãos, e perseguir-vos-hão entregando-vos ás synagogas, e aos carceres, levando-vos á presença dos reis, e dos governadores, por causa do meu nome: 13 e isto vos será occasião de dardes testemunho. 14 Gravai pois nos vossos corações, o não premeditar como haveis de responder: 15 porque eu vos darei huma boca, e huma sabedoria, á qual não poderão resistir nem contradizer todos os vossos inimigos. 16 E sereis entregues por vossos pais, e irmãos, e parentes, e amigos, e farão morrer a alguns de vós outros: 17 e sereis aborrecidos de todos por causa do meu nome: 18 entretanto não se perderá hum cabello da vossa cabeça. 19 Na vossa paciência possuireis as vossas almas.

Meditação

Que não há na terra outro verdadeiro mal senão o pecado

Primeiro ponto

Considera que não há na terra outro verdadeiro mal senão aquele que sozinho nos priva do verdadeiro bem e do princípio de todos os bens: tal é o pecado.

Olhe-se por onde se olhar, o pecado é sempre pecado. Julgue-se como Deus o julga, eternamente será o pecado objeto de seu ódio e de sua indignação, e eternamente será matéria de nosso arrependimento; pois como pode sê-lo agora de nossos desejos e de nossa complacência?

Tudo o que chamamos males no mundo, só o são enquanto consequências do pecado. O pecado foi o que inundou a terra de tantas desditas; ele é o que tem aceso o fogo do inferno; o pecado é o que faz infelizes os que o são; a tranquilidade e a alegria só reinam onde reina a inocência. Sendo Deus um bem infinito e sendo todo bem por si mesmo, não pode comunicar outra coisa. Só o pecado é quem causa todo o mal, privando-nos desse bem. E é esta a ideia que se tem do pecado? Mas deixará de ser menos mal, ou deixará de ser menos pecado, porque se tenha dele outra ideia diferente?

Essas concorrências de diversão, de onde está sempre desterrada a inocência; esses desafogos do carnaval, que, se nem sempre são pecado, são sumamente perigosos sempre; esses espetáculos, essas alegrias profanas, origem fatal de tanta desordem, provam, porventura, que se tem ao pecado grande horror? E mesmo as pessoas que se abstêm dessas desordens vivem sempre muito inocentes? Ah, que, por assim dizer, nos familiarizamos com o pecado; mas nos familiarizaremos igualmente com os tormentos que lhe correspondem?

Ó Senhor, e quão pouco conheci o pecado! Mas como o conheço e como o detesto agora! Aumentai a minha dor e perdoai as minhas maldades.

Segundo ponto

Considera que é erro dar o nome de males ao que pode contribuir para a nossa felicidade e que, com exceção do pecado, tudo pode ser útil a uma alma fervorosa.

As desgraças, as perseguições, as enfermidades, a pobreza, até a própria morte, tudo pode servir-nos para sermos ditosos; porque tudo pode conduzir a que sejamos santos.

Poucos santos há que não devam, por assim dizer, às perseguições, às adversidades, aos trabalhos algum grau ao menos de sua elevação no céu. Que não deveram os mártires aos suplícios? Vossos parentes, vossos amigos, diz o Salvador, vos perseguirão, mas nem por isso sereis menos ditosos; porque toda a malícia e toda a raiva dos tiranos não poderá arrancar-vos um só cabelo da cabeça. Quem está em graça de Deus, quem é querido de Deus, que tem que temer? Grande erro reputar o ódio do mundo como mal, quando todo o ódio do mundo é porque se quer amar e servir a Deus. Quantos favores, quantos vantajosos partidos ofereceu o mundo a São Vicente para pervertê-lo? Que cruéis tormentos não padeceu porque desprezou suas enganosas promessas? Com que valor zombou este insigne santo tanto dos tormentos como dos afagos do tirano? Antes, os maiores afagos foram para ele os mais intoleráveis tormentos. Perdeu a vida por não perder a amizade de Deus. Quando há de chegar o tempo em que nós pensemos da mesma maneira? Quando havemos

de discorrer sobre os mesmos princípios? Tem-se hoje o pecado pelo maior mal de todos os males? Tê-lo-ão ao menos por mal aqueles e aquelas que fazem vaidade de cometê-lo? Chamam-se males uma perda de interesses, uma aflição, uma perseguição, uma desgraça, que costumam ser princípio de mil bênçãos, segundo os amorosos desígnios da divina providência. Mas considera-se o pecado como grande mal quando se discorre que pode ser meio conducente para fazer fortuna?

Em que cegueira vivi eu até aqui, meu Deus! Perdoai-me, Senhor, e ouvi benigno a minha humilde súplica. Fazei que padeça todos os tormentos, fazei-me sofrer todos os males desta vida antes que cometer jamais um só pecado.

Jaculatórias

> *Væ vobis, viri impii, qui dereliquistis legem Domini.* Eclo 41.

Ai de vós, homens ímpios, que abandonastes a lei de vosso Deus e Senhor!

> *Horrendum est incidere in manus Dei viventis.* Hb 10.

Terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo.

Propósitos

1. Concebe tão grande horror ao pecado que estejas disposto a perder os bens, a saúde e a própria vida antes que perder a graça. Muito digno de lástima serás se te achas em outra disposição; mas, porque são inúteis e de nada servem as melhores máximas se não se reduzem à prática, sempre que a ti ou a outro suceda alguma desgraça, algum contratempo, algum trabalho, toma o santo costume de dizer a ti mesmo: Não há outro mal que o pecado; consolemo-nos, que esta perda dos bens de fortuna, da saúde ou da honra se pode converter em grande proveito meu. Livrai-me, Senhor, de todo pecado; que não temo outro mal algum.

2. Toma ocasião de todos os contratempos desta vida para dizer a teus filhos, a teus amigos, a teus domésticos que neste mundo não há mais que um só mal, falando propriamente, o qual mal é o pecado. Seja este o teu mais frequente refrão, o teu adágio favorito. Repete-o sem cessar a teus filhos, dize-o a ti mesmo cem vezes ao dia e não te perdoes nem as mais leves mentiras oficiosas, nem as restrições mentais, que são verdadeiramente mentiras disfarçadas, nem as mais ligeiras impaciências. Tudo o que possa alterar a caridade, por pouco que seja, deve ser proibido para ti. Ser demasiadamente indulgente consigo mesmo e pouquíssimo com os demais costuma ser ocasião de muitas faltas: tudo o que pode agravar de alguma maneira o próximo, tudo o que tenha

sombra de pecado deve causar-te horror. A imagem só de um monstro espantoso atemoriza. Repete-te com frequência aquelas belas palavras: *Malo mori, quam fœdari animam meam*: prefiro morrer a manchar jamais a minha alma. Não te contentes com ter horror somente ao pecado: o mesmo hás de ter a todas as ocasiões de pecar, das quais hás de fugir como do próprio pecado. Não se aborrece o pecado quando não se aborrece a ocasião.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:04 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:04 by Admin